

## O GT DE TEORIA DA GRAMÁTICA

Carlos Mioto  
(UFSC)

O GT de Teoria da Gramática foi criado em 1987 e congregou, no início, pesquisadores de gramática, especialmente, os que trabalham na linha da Gramática Gerativa. A criação se deu num encontro de Gramática Gerativa realizado em 1987, na UNICAMP, e Charlotte C. Galves foi eleita a primeira coordenadora do GT. Na ocasião, visitava a UNICAMP o pesquisador francês Alain Rouveret e o fruto deste encontro foi o número 17 dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos*.

Charlotte Galves organizou o primeiro encontro do GT no Rio de Janeiro em 1988. Depois assumiu a coordenação Mary A. Kato que organizou o encontro da PUC-SP em 1989. Charlotte Galves volta à coordenação do GT organizando o encontro de Recife em 1990. No biênio 1990/92, Miriam Lemle assume como coordenadora organizando o GT de Porto Alegre em 1992. De 1992 a 94, o GT esteve sob a coordenação de Lúcia Lobato que organizou o encontro de Caxambu em 1994. Em 1994 foi eleito Carlos Mioto, que está encarregado de coordenar os trabalhos do próximo encontro.

O GT de Teoria da Gramática conta com cerca de 50 membros. O “núcleo duro” do grupo é composto basicamente de pesquisadores de formação gerativista voltados para a sintaxe. Entretanto, sempre esteve aberto a pesquisadores de outras áreas. A tendência atual é reforçar os intercâmbios multi-disciplinares: no último encontro de Caxambu houve inter-GTs envolvendo sobretudo pesquisadores da área da Sociolingüística e intercâmbios com as áreas das Línguas Indígenas e da Fonologia. Para o próximo encontro, a orientação aprovada é convidar pesquisadores envolvidos com a descrição do português (Mário A. Perini - sintaxe; Margarida Basílio - morfologia), e continuar mantendo intercâmbios anteriores. Foi sugerido, por fim, que haja uma mesa-redonda congregando visões diferentes que estudam a mudança lingüística.

As interfaces, segundo a opinião do atual coordenador, estão orientadas para duas direções: a primeira envolve a sintaxe e as outras disciplinas lingüísticas; a segunda envolve a gramática gerativa, uma teoria de caráter formal, e outras teorias formalistas ou não.

Mesmo admitindo com Feyerabend (1978) que as teorias são incomensuráveis, o que torna difícil o diálogo entre elas, não se descarta a possibilidade de construir

conhecimento em cima das incompatibilidades epistêmicas. Como exemplo, uma pesquisa que se encaminhou nesta direção foi liderada por Mary Kato e Fernando Tarallo nos anos 80 (ver Kato & Tarallo, 1987). A primeira trouxe para a pesquisa a parte gerativa e o segundo a sociolinguística de cunho laboviano. Os frutos deste trabalho persistem até os dias de hoje.

A outra interface abrange os vários níveis da gramática. O enorme interesse por este tipo de intercâmbio pode ser medido pelo último Encontro da ABRALIN em Salvador. Neste evento havia várias mesas-redondas: a Interface entre Fonologia e Sintaxe (que aconteceu no último GT, envolvidas Bernadete Abaurre e Charlotte Galves); a Interface entre Morfologia e Sintaxe; a Interface entre Semântica e Sintaxe; a Interface entre Léxico e Sintaxe.

Embora as interfaces sempre tenham ocupado seu lugar, elas são particularmente importantes no momento. É que a Teoria Gerativa passa por mais uma de suas revoluções e, no sentido kuhniano, o paradigma está em cheque engendrando o que se chama o Programa Minimalista (Chomsky, 1993; 1994). Neste momento são rediscutidos os papéis de cada disciplina na interação com a sintaxe. As mudanças se encaminham na direção de eliminar níveis gramaticais que não figuram mais como instâncias em que certos princípios são observados (o Princípio do Caso e da Vinculação, na Estrutura S; o Princípio de Projeção — ele próprio candidato a desaparecer — na Estrutura D).

O que se pretende é buscar o máximo de economia eliminando-se as redundâncias contidas no Modelo da Regência e Vinculação (Chomsky, 1981). Por exemplo, a interpretação semântica fica toda ela a cargo da Forma Lógica, não havendo espaço para que parte da interpretação — a que provém da atribuição dos Papéis Temáticos — seja assentada na Estrutura P; ao mesmo tempo, busca-se eliminar qualquer passo adicional de derivação, mantendo-se apenas os que são conceptualmente necessários. O ideal: nada sobra, nada falta.

O que se prevê para o(s) próximo(s) encontro(s) é que o GT de Teoria da Gramática vai estar extremamente preocupado com esses assuntos que, enfim, já se fizeram notar marcantemente no encontro de 1994 em Caxambu, dada a participação dos pesquisadores de Brasília, sob a liderança de Lúcia Lobato, do Rio de Janeiro, sob a liderança de Miriam Lemle e de Belo Horizonte, sob a liderança de Milton do Nascimento. Para 1996, espera-se igual entusiasmo e maior participação de profissionais da área.

---

## BIBLIOGRAFIA

CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

\_\_\_\_\_. (1993) "A Minimalist Program for Linguistic Theory": Hale, K. & S. J. Keyser, eds. *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*, 1-52. Mit Press.

\_\_\_\_\_. (1994) "Bare Phrase Structure". Ms: MIT.

FEYERABEND, P.(1978) "Consolando o especialista". In: LAKATOS, I. & I. Musgrave (org.) *A Crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo, Cultrix/Edusp.

TARALLO, F. & M. KATO (1989) *Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra-lingüística*. [Preedição 5]. Campinas, UNICAMP.



